



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Magnólia Carneiro Godinho

**O PAPEL DO PROFESSOR NA QUESTÃO DISCIPLINAR: UM CONSTANTE
DESAFIO AO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO**

São Gonçalo
2012
Magnólia Carneiro Godinho



Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de pedagoga, no curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

G585 Godinho, Magnólia Carneiro.
O papel do professor na questão disciplinar: um constante desafio ao trabalho pedagógico na educação / Magnólia Carneiro Godinho. – 2012. 50f.

Orientadora: Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Morais.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Professor. 4. Indisciplina. I Morais, Jacqueline de Fátima dos Santos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

CDU 371

Magnólia Carneiro Godinho

**O PAPEL DO PROFESSOR NA QUESTÃO DISCIPLINAR: UM CONSTANTE
DESAFIO AO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do título de pedagoga, no curso de
pedagogia da Faculdade de Formação de
Professores, da Universidade do Estado
do Rio de Janeiro

Aprovado em: _____

Banca examinadora: _____

Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
Faculdade de Formação de Professores

Prof^ª. Dr^ª. Mairce da Silva Araújo
Faculdade de Formação de Professores

São Gonçalo

2012

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que sempre estiveram presentes ao longo desta caminhada.

Em especial ao meu querido e amado pai o primeiro a acreditar nos meus sonhos.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho que se tornaram a minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

O meu mais profundo agradecimento a Deus, que sempre esteve comigo ao meu lado me dando coragem e força para não perder a batalha.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais por nunca desistir de mim e pela excelente profissional que é, mas acima de tudo pelo seu carinho e dedicação conosco, seus alunos.

Aos amigos do trabalho que não mediram esforços para colaborar com esse processo. Este trabalho final também é de vocês.

A minha amiga Latife, que durante todo o processo dividiu comigo angústias e incertezas da graduação, sem ela tudo seria muito difícil.

Ao meu namorado que nunca mediu esforços para me ajudar.

Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade. Sente-se em outra cadeira, no outro lugar da mesa, mais tarde, mude de mesa. Quando sair, procure andar pelo outro lado da rua. Depois, mude de caminho, ande por outras ruas, calmamente...

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir o papel do professor frente aos problemas indisciplinados e identificar seu papel na questão disciplinar. Além disso, a partir de tais discussões, busca-se investigar como os professores lidam com tal questão. Espera-se que esta pesquisa venha se tornar um ponto de reflexão para profissionais, tanto para os que já atuam na escola como professores em formação inicial, para que possam melhor compreender a questão indisciplinar na sala de aula e maneiras de se lidar com ela e, conseqüentemente, tenham uma melhor relação professor-aluno.

Palavras-chave: Indisciplina – Professor – Ensino Aprendizagem

SUMÁRIO

1	E ASSIM COMEÇA MINHA HISTÓRIA _____	9
2	DISCIPLINA X INDISCIPLINA: AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A QUESTÃO CONCEITUAL E DA PUNIÇÃO DENTRO DA SOCIEDADE _____	18
3	O QUE É INDISCIPLINA? _____	24
4	O QUE VOCÊ ENTENDE POR COMPORTAMENTO INADEQUADO DOS ALUNOS EM SALA DE AULA? _____	31
5	NA SUA OPINIÃO, QUAIS (IS) OS MOTIVOS (S) LEVA (M) O ALUNO A TER UM COMPORTAMENTO INADEQUADO EM SALA DE AULA? _____	34
6	CONCLUSÃO SOBRE AS ENTREVISTAS _____	42
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	46
8	BIBLIOGRAFIA _____	50

Capítulo I

E ASSIM COMEÇA MINHA HISTÓRIA.

Início a história da minha vida escolar com lembranças vivas dentro de mim. Atribuo a isto alguns fatos como minha primeira escola, que está localizada na rua onde moro. Uma escola pequena, com grades azuis e uma escadaria no meio do pátio que dá acesso as salas de aula, refeitório e coordenação. È quase impossível passar na calçada e não querer parar em frente e espiar. Vejo muito do meu passado nos brinquedos reformados e no pátio comprido e estreito.

Surpreendo minha mãe com tantas lembranças. “Como você pode lembrar disso menina?”. Clarice Lispector diz que: *“O que a memória amou fica eterno.”*

Das recordações vivas, lembro-me de uma inspetora, que de opinião unânime entre os alunos era considerada “uma bruxa”. Gritava com todos e muito recheada de antipatia e grosseria. Esta mesma pessoa ainda é funcionária da escola e por algumas vezes nos colidimos nas calçadas. E apesar de tanto tempo depois, ainda sinto um frio na barriga. Sou tomada pela vontade de dizer coisas a ela que carrego desde quando era criança, mas acho que me prestaria a um papel nada agradável e eu sigo o meu destino.

Outro fator que talvez contribua para tantas lembranças presentes é o fato de que amigos muito queridos vieram desta escola. Amigos próximos que foram construídos laços e que ainda hoje renovamos tais laços.

O segundo colégio que estudei não é tão próximo a minha casa, porém localiza-se numa rua que dá acesso ao meu bairro, o que, assim como minha primeira escola, me faz passar quase sempre na porta a caminho de casa. Uma escola minúscula, com desenhos nas paredes feitos pelos alunos. Ali estudei por apenas dois anos. O suficiente também para construir minha base e ter recordações saudosas.

Nesta escola também foi quando me aproximei da minha mãe. Tinha nove anos. Lembro que ela me ajudava muito nas atividades. Fazíamos exercícios juntas e estávamos sempre na Biblioteca Municipal em Niterói fazendo pesquisa, pois internet ainda era um sonho. Após as pesquisas realizadas fazíamos um lanche em algum lugar barato com muita Coca-Cola.

Ainda neste colégio, aprendi o Hino Nacional. Cantado toda sexta-feira em fila na hora da entrada. Foi ainda nesta escola que conheci o sentido da AMIZADE. Éramos um

grupo de quatro meninas e formávamos um clube: O CLUBE DA LUNETAS. Havia carteirinha de sócio, agenda de compromissos e um diário onde contávamos sobre nosso dia escolar. Éramos muito populares no colégio. Todos nos conheciam e queriam ser nossos amigos. Inclusive as professoras gostavam mais da gente do que dos outros. Éramos sempre escolhidas para participar dos eventos e em minha opinião, nossos trabalhos eram os melhores e éramos as mais bonitas. Existia uma popularidade e isso nos tornava o máximo!

Éramos um grupo unido e estávamos sempre juntas. Para fazer as tarefas de casa, íamos para casa uma da outra, dormíamos juntas nos finais de semana e viajávamos com as famílias. Lembro também que trocávamos cartas pelo correio – mesmo sendo vizinhas. Era o máximo escrever uma carta e esperá-la chegar. Havia muita ansiedade na espera. Recordo que quando chegava da escola sempre perguntava: “ – Tem carta pra mim?”

Foi nesta época também que aprendi a usar o telefone pois não importava se estávamos juntas a manhã inteira, sempre haveria um assunto pendente. Foi quando a conta de telefone da minha casa aumentou bastante.

Tínhamos uma professora muito bacana, que infelizmente cujo nome não recordo e tão pouco sei dizer se era uma boa profissional. Sei que ela deixava a gente fazer tudo, ria de tudo que fazíamos e quando fiquei menstruada pela primeira vez fui bastante orientada por ela. Nada que a minha mãe já não havia me dito, mas lembro de que achei tão legal a atitude dela de querer me ajudar que, sentada na cadeira ouvi tudo que ela tinha para me dizer.

Meus pais sempre deram prioridade em colocar eu e meu irmão na mesma escola. Com apenas um ano de diferença tornava-se mais fácil para eles se assim fosse. Deste modo, aprendi a dividir merenda. Sempre tive que dividir tudo com ele. Caso minha mãe mandasse dinheiro para lanche no recreio, eu era obrigada a dividir meu lanche. Meus lápis também, porque ele sempre perdia tudo. Dividíamos também uma garrafa de coca-cola. Eu tomava até certo ponto e o resto eu dava a ele. O dinheiro minha mãe só dava para mim, porque se deixasse por conta dele esta divisão, ele bebia tudo e eu ficava sem nada. Assim, aprendi a dividir tudo com ele e até hoje assim faço. Não sei fazer um lanche na rua e não levar um pouco para o meu irmão. Caso como uma pizza, sempre levo uma pizza tamanho brotinho para ele.

Enfim, chegou meu último ano nesta escola. Tínhamos que sair, uma vez que a formação era até o 5º ano (antiga 4ª série). Uma de nós havia passado para a prova de um colégio conhecidíssimo em Niterói e as outras três iriam para a mesma escola. Fizemos de tudo para os pais dela mudarem de ideia. Escrevemos cartas, conversamos igual gente grande

e chegamos a chorar, tudo em vão. Separamos-nos, ela seguiu para outro colégio e nós seguimos em direção oposta. Era o fim do GRUPO DA LUNETTA. Fui então estudar em um colégio grande onde ninguém conhecia ninguém, e ninguém conhecia a gente. Esta foi a minha 3ª escola. Neste colégio permaneci até o Ensino Médio e após de seis anos voltei como professora.

Estas são memórias que permanecem vivas, pois cada parte desta escola há uma história minha. As lembranças estão vivas porque talvez eu esteja sempre em contato com elas, diariamente. Meus melhores amigos também estudaram comigo. Nossos encontros são cheios de lembranças boas desta época, como da vez que a mãe de um amigo descobriu uma das mentiras dele e no meio do pátio bateu nele com um chinelo. Sinto como se as paredes deste colégio falassem comigo. As carteiras me abraçam com um ar saudoso e os professores que ainda permanecem me recebem como uma filha que a casa retorna.

Quando cheguei a esta terceira escola tinha a sensação de que ia ser engolida pelos corredores compridos. Além disso, havia uma escada que não acabava nunca. Era muita gente na hora da entrada. E no recreio havia um congestionamento na cantina. E na hora da saída era mais gente ainda. Do trio (eu e mais duas amigas) somente duas ficaram na mesma turma. A outra estudava na sala ao lado. E não lembro porque isso aconteceu ou porque isto não foi mudado, afinal, era só a mãe fazer um pedido que tudo se resolveria. Lembro que em três meses no colégio novo ela já não andava mais com a gente e adaptou-se rápido as mudanças. Recordo de uma cena em que fomos encontrar com ela na hora do recreio e fomos dispensadas com o argumento de que já havia combinado algo com as meninas da sala dela. E saiu de braço dado com as novas amigas.

O tempo foi passando e também nos adaptamos na escola nova. Descobrimos como não sermos derrubadas na rampa e nem sermos consideradas uma “bocó”. Quando dei por mim os professores já nos conheciam e já tínhamos certo destaque na turma. Porém, no ano seguinte, mudamos de sala e voltamos todas a estudar na mesma turma. Mas as coisas não eram mais como antes. Tudo havia mudado muito e nem mais reconhecíamos a nossa amiga. Foi quando, então, percebemos que o Clube da Luneta ficou resumido a duas. Isso também foi diminuído no outro ano quando, por um bate boca sem qualquer explicação, eu e a minha amiga de infância nos separamos e conhecemos novas amigas dentro da turma e na escola. Foi então quando conheci minha amiga maravilhosa, linda, modelo, sensível e fiel. Costumo dizer que ela é minha dupla. Neste momento passei a estar em um novo colégio e viver

diversas experiências. Já havia me tornado popular no colégio e adorava isso. Porém, isso não significou só flores: sentia muito falta das minhas amigas de infância.

Enfim, entrei na adolescência e foi na escola que surgiu o convite para as festas mais divertidas da minha vida. Beije na boca pela primeira vez numa festa de colégio. Apaixonei-me pelo meu primeiro professor e vivi experiências que me passam até hoje.

Tive a sorte de ter professores maravilhosos, tanto profissionalmente quanto pessoa. Muito do que sou hoje em sala de aula aprendi com eles. Falavam baixo e eram capazes de prender a sua atenção por 50 minutos, sem ninguém ver a hora passar. Faziam das nossas aulas uma diversão. Como eram divertidas as terças, quartas e sextas onde o professor de matemática sempre fazia uma brincadeira sem graça, mas que de tão sem graça achávamos graça e tudo se tornava divertido.

Havia neste colégio também uma Diretora que além de linda e maravilhosa, era uma excelente comandante. Uma diretora humana, carinhosa com alunos e professores. Reconhecia os alunos pelo nome e não como números. Não havia um que não babasse por ela ou quisesse ser igual a ela. Em uma palestra na escola, não recordo o assunto, lembro que só conseguia olhar para ela e observar como ela falava. Seus gestos, o seu sorriso eram inspiradores. Foi neste momento que escolhi o que eu queria ser para minha vida inteira. Queria ser Diretora de escola. E por um ano fiquei com isso na minha cabeça, até que chegou o 1º ano do Ensino Médio e tínhamos que fazer algo sobre “teste vocacional”. Vi o espanto da psicóloga quando eu disse o que eu queria ser e como sugestão de profissão ela disse: “Pedagogia.” A partir disso, fui em busca do curso. Fui estudar as possibilidades possíveis de emprego. Procurei me orientar com a própria Diretora da escola e acredito ter sido bem orientada.

Chegou então o 3º ano do Ensino Médio. Com ele o vestibular e a escolha da profissão. Prestei Vestibular no ano de 2003 para uma vaga em 2004. Quanto à decisão da carreira, não foi difícil. Já havia escolhido o que fazer para o resto da minha vida. Dificuldade maior foi convencer os meus pais quanto a isso.

Minha mãe não aceitava minha decisão, achava que “era perda de potencial”. Acreditava que eu possuía capacidade de passar para Medicina. Durante o ano de 2003 foi difícil ser firme na escolha mediante a tanta pressão. Lembro que a primeira ficha que fiz para inscrição foi na UERJ e marquei Pedagogia. A segunda ficha foi da UFRJ, também com a mesma opção. Cada inscrição feita eram novos argumentos com foco para me convencer do contrário. Eram argumentos que vinham sempre carregados de críticas, aborrecimento,

chateação e dor de cabeça. Para acabar com isso e tentar chegar ao final do ano feliz com a família, acabei mentindo na inscrição para a UFF, dizendo que havia me inscrito em Farmácia. Neste momento vi um sorriso no rosto da minha mãe.

Chegou então o dia das provas. Lembro que me sentia mais encontrando amigos do que fazendo uma prova que valia uma vaga na faculdade. Encontrávamos-nos no mesmo horário na entrada e aguardávamos todos saírem. Ríamos muito das opções marcadas um do outro e o motivo que nos levou a marcar esta opção. No final das provas sempre íamos almoçar no restaurante do pai de uma amiga e ali permanecíamos a tarde inteira.

O ano acabou e os resultados consequentemente saíram. Eu não havia passado. Cheguei a ir para a segunda fase, mas não fui com notas boas para passar e como resultado, mais um ano de vestibular. Meus pais tiveram a reação esperada: me apoiaram e me confortaram com palavras carinhosas. Então, no ano seguinte, resolvi levar mais a sério os estudos. Já tinha 18 anos e morria de medo de ser uma garota sem futuro, que não havia correspondido ao investimento dos pais que tanto se sacrificaram para pagar meus estudos e do meu irmão. Neste ano, 2004, fui prestar Vestibular para 2005.

Cheguei mais confiante ao cursinho de pré-vestibular. Sabia que tinha uma boa base. E fui estudar. Estudava todos os dias na parte da tarde porque não agüentava mais acordar de manhã. Passei o ano estudando para as provas. Participava de grupos de estudos com amigos. Professores particulares. Refazia e fazia exercícios. Escrevia redação. E assim foi o ano todo. Quando chegou a época das inscrições para vestibular a minha decisão de profissão fortaleceu. Mesmo contra a opinião dos meus pais, havia me inscrito em Pedagogia. Acreditava que a decisão tinha que ser minha, tão somente minha, e que ninguém tinha o direito de escolher o que eu queria fazer pelo resto da minha vida. E dessa vez não menti: prestei vestibular para Pedagogia na UFF, UERJ/FFP e UFRJ. E passei!

Fui aprovada na UFF e na Faculdade de Formação de Professores/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Lembro como se fosse hoje quando saiu o resultado. Na época não havia internet e o resultado saía (como até hoje) na Folha Dirigida. Era vésperas de Carnaval, meus pais já haviam viajado para o sítio da família. Eu fiquei aguardando o resultado. Lembro que me dirigi a três bancas de jornal em busca da Folha Dirigida, mas só encontrava um outro exemplar que não me interessava. Finalmente achei. Sentei com meu irmão no meio fio da calçada e fomos folheando folha por folha em busca do meu nome. Havia dividido as páginas com ele e não encontrava meu nome em nenhuma das páginas que comigo estavam e nem meu irmão encontrava nas que estavam com ele. Então resolvemos trocar as páginas e

baixinho no meu ouvido ouvi meu nome seguido da palavra aprovada. Comecei a chorar. Levantamos da calçada e caminhamos para casa. Corri para o telefone e liguei para os meus pais e todos choraram do outro lado da linha. Meu pai horas depois chegou dizendo que não agüentaria esperar para me dar um abraço. Chorei de novo!

Ao escrever este memorial percebo o quanto viva foi a sensação da minha cabeça no travesseiro naquela noite. Um travesseiro velho, mas que possui o formato da minha cabeça, um lençol novo e um ventilador barulhento. Dormir com ele desligado era quase impossível. Também dormi chorando e meus sentimentos eram uma mistura de felicidade com alívio. Porque ao mesmo tempo em que estava feliz me sentia aliviada por tudo ter acabado bem. Uma sensação de alívio misturado com dever cumprido estava me sentindo à melhor pessoa do mundo. Meus pais estavam felizes por minha causa e eu ia estudar numa faculdade pública. Dormir naquele dia para mim era mais que uma necessidade, era merecimento.

Cheguei então a FFP/UERJ, uma menina de 19 anos que se achava o máximo. Neste ano comecei a trabalhar de manhã e vinha à faculdade a tarde. Era tudo tão novo, tudo tão diferente do que imaginei, mas estava feliz por ter conseguido chegar onde queria e iria me formar na profissão que havia escolhido seguir. Estar na faculdade era novo para meus pais também, eles precisaram de um tempo para se adaptar. Meu pai sempre dizia que eu estava na escola, levou um ano para dizer faculdade.

O primeiro ano é o ano das novidades. Fiz amigos, aprendi a lidar com grupos diferentes a pensar sobre opiniões prontas e aos poucos fui me transformando em adulta. Neste primeiro ano a euforia da minha mãe por ter passado no vestibular havia passado e começaram as cobranças sobre meu futuro. Assim foi por quatro semestres de faculdade até que desistiu e conformou-se. Eu já havia escolhido minha profissão.

No segundo ano de faculdade a professora pediu para fazer um trabalho de campo. Tínhamos que escolher uma escola e fazer uma observação do que estava acontecendo de acordo com os textos lidos durante as aulas. Fazia parte de um grupo de quatro meninas e fomos para o primeiro colégio que eu havia estudado. Retornar aquela escola depois de dez anos foi bem gratificante. Nosso trabalho começaria em uma sala de alfabetização. Der repente a professora precisou se ausentar da escola e estávamos levantando para ir embora quando a Diretora se aproximou de mim e pediu se havia a possibilidade de ficar com a turma. Hesitei de início porque não possuía experiência nenhuma de sala de aula. Porém, quando percebi, já estava em pé no quadro passando algumas atividades que a professora

havia deixado, corrigindo algumas letrinhas, ajudando alguns a ler a cartilha e segurando na mãozinha o lápis para fazer o contorno das letras.

Era uma turma de 15 crianças. Não recordo o nome de nenhum aluno e nem seus rostinhos, mas lembro do espaço da sala de aula. Uma biblioteca no fundo, trabalhos expostos, um espaço para artes com tintas e muitos pincéis, o alfabeto em cima do quadro dividido em letras maiúsculas e minúsculas, um espaço para ciências, com algumas experiências feitas pelas crianças e uma pia da altura dos alunos. Pensando hoje na minha prática de sala de aula e minhas memórias descobri que a minha sala de aula tem muito daquele espaço. Talvez porque tenha sido nesta sala de aula a primeira vez que me vi como professora e encontrei conforto, harmonia nas divisões e um lugar seguro para aprender e criar.

Foi neste dia que fortaleci minha escolha como profissão e segui em busca do que queria ser. Durante a faculdade ouvi diversas práticas de ensino e li muitos teóricos, porém nada me deixa mais fortalecida quanto a minha prática do que o dia a dia em sala de aula. Aprendo a ser professora todo dia. Praticando, revisando, melhorando a minha prática de ensino.

Faltando alguns anos para terminar a graduação resolvi pedir um estágio no meu último colégio onde descobri o que eu queria ser. Fui atendida e em 2009 virei “estagiária/aprendiz”, onde trabalhava, mas não recebia. Larguei meu emprego porque não daria para conciliar faculdade e trabalho e finalmente comecei a trabalhar na minha área. Precisava cumprir a disciplina de Estágio II. O estágio era do lado da minha casa e aceitei as condições. No estágio procurei absorver tudo que podia de informação e na faculdade procurava transformar isso em conhecimento. Fazia um caderno de registro e escrevia o que via e pensava da prática do professor no dia a dia. Fui requisitada, por algumas vezes, pela coordenação. Aprendi tudo que podia sobre gestão escolar e pedagógica foi um ano excelente de produtividade.

Então, foi neste mesmo colégio que presenciei uma cena entre professor e aluno que muito me intrigou e me deixou confusa quanto ao papel do professor na questão da (in) disciplina do aluno.

Atualmente a questão disciplinar é um dos maiores problemas enfrentados pelos educadores quanto ao desenvolvimento no trabalho escolar. Muitos alegam que nunca a situação em sala de aula esteve tão difícil como nos dias de hoje. A indisciplina escolar, afirma-se de maneira recorrente. Tem sido intensamente vivenciada tanto nas instituições

públicas como privadas. O problema da disciplina, principalmente de sua ausência, o da indisciplina, é, portanto, um fenômeno bastante presente na prática dos protagonistas escolares.

E essa primeira parte corresponde à introdução da pesquisa, onde busquei fazer uma apresentação acerca dos problemas vivenciados pelos professores em sala de aula, partindo principalmente da realidade vivida por aqueles que entrevistamos ao longo de nossa pesquisa.

Ao mesmo tempo, tem-se, acima de tudo, uma visão ampla e geral do que apresentarei ao longo do trabalho, sabendo que partirei para um diagnóstico acerca de como os professores se veem em meio a esses conceitos sobre o que é indisciplina e disciplina e de conceito inadequado dos alunos.

A segunda parte do trabalho começa intitulado “O que é indisciplina?” e tem como fundamento principal a entrevista feita com cinco professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, cujas perspectivas acerca do assunto são muito interessantes e diferentes umas das outras.

Verdade também que em muitos momentos, essas opiniões se igualam e caminham numa única direção, apesar de terem sido vividas em realidades completamente distintas.

A terceira parte do trabalho é chamada “o que você entende por comportamento inadequado dos alunos em sala de aula” e tem como base as entrevistas feitas pelos cinco professores que responderam sobre o que é indisciplina.

Nesse momento da pesquisa, todos os professores se mostraram muito mais a vontade em responder à pergunta, principalmente porque já havia entre nós uma maior “cumplicidade” acerca dos temas discutidos anteriormente. Por isso mesmo, consideramos – eu e os professores entrevistados – essa parte a mais instigante, apesar de parecer uma continuidade do capítulo acerca da indisciplina, pois falamos de nossos problemas e sucessos com a certeza de que tudo aquilo era mais familiar e comum a todos nós como nenhum outro assunto.

Muitas das vezes durante essa parte da entrevista, rimos muito e trocamos muitas experiências sobre situações do cotidiano escolar, acontecidas conosco e parecia que os fatos se repetiam.

A quarta parte do trabalho, “Na sua opinião, qual (is) os motivo (s) leva(m) o aluno a ter um comportamento inadequado em sala de aula?”, é uma espécie de conclusão do “que é indisciplina” e a “questão do comportamento inadequado”.

Nessa última parte buscamos entender, juntamente com os entrevistados, como a indisciplina e o comportamento inadequado em sala de aula proporcionam consequências para

a escola, alunos e professores. Daí surge a questão mais complicada e mais profunda de tudo aquilo que envolve a indisciplina em sala de aula, ou seja, a gênese dos motivos que tornam o aluno indisciplinado. É importante ressaltar que a dificuldade reside exatamente na subjetividade e variedade que envolve tal situação, pois como bem sabemos há uma heterogeneidade nas relações entre pais e filhos e alunos e escolas que simplesmente não dão conta de criar um resultado uníssono.

Por isso mesmo, acreditamos que esse capítulo foi, sem dúvida, o de maiores questionamentos por parte dos professores entrevistados e, à luz de nosso entendimento, proporcionou uma grande troca de experiências entre nós, de tal maneira que vários casos foram contados e separamos um deles, para demonstrar como a relação professor/aluno pode ser efêmera e, ao mesmo tempo duradoura, do ponto de vista emocional.

Espero que esse trabalho possa proporcionar a todos uma chance para que os problemas de indisciplina que envolvem a Educação possam ser, se não solucionados definitivamente, mas amenizados e que gerem instrumentos capazes de transformar aqueles ambientes onde a indisciplina e o comportamento inadequado imperam em locais onde o entendimento e respeito mútuo tornem-se uma realidade.

Capítulo II

DISCIPLINA X INDISCIPLINA: AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A QUESTÃO CONCEITUAL E DA PUNIÇÃO DENTRO DA SOCIEDADE

Quando se fala de indisciplina na sala de aula, a primeira coisa que me vem à cabeça é o que se entende como tal e qual a solução para essa questão. Fico na encruzilhada entre a repressão ou o entendimento, o ignorar e o solucionar, a resistência e a rebeldia, enfim caminhos sempre conflitantes onde a saída não será, necessariamente, definitiva, pois estamos lidando com algo tão subjetivo quanto a própria existência humana.

Então, o que fazer? Como classificar um ato como indisciplina? Como entender algo, que muitas das vezes, nos ofende enquanto professor? Culpar quem, se é que há algum culpado?

Essas questões permeiam nossas cabeças de professores há muito tempo e hoje parecem estar cada vez mais constantes. A *via crucis* na qual estamos inseridos se dá principalmente porque de um lado está a figura da autoridade do professor e do outro a figura de muitos alunos que se acostumaram a ver o mundo como um lugar seu próprio para questionar toda e qualquer autoridade que tente lhe impor limites ou ainda um estado comportamental ligado a várias questões sociais, que acabam por refletir em sala de aula, como afirma Rego (1996):

A questão da indisciplina nas salas de aula é um dos temas que atualmente mais mobilizam professores, técnicos e pais (e, em alguns casos, até os alunos) de diversas escolas brasileiras (...) inseridas em contextos distintos. Entretanto, apesar de ser objeto de crescente preocupação, no meio educacional este assunto é, de modo geral, superficialmente debatido. Além da falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina ou disciplina, a maior parte das análises parece expressar as marcas de um discurso fortemente impregnado pelos dogmas e mitos do senso comum (nem sempre de bom senso). Isto se agrava na medida em que os estudos e pesquisas sobre a indisciplina (natureza, características, identificação de possíveis causas, o papel da escola e da família na produção da indisciplina, a questão da indisciplina na sociedade contemporânea etc.) além de parciais, são relativamente escassos.¹

¹ Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas/organização Julio Groppa Aquino – São Paulo: Summus, 1996 – (Na Escola), in REGGO, Teresa Cristina R.. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana, p. 78.

Essa falta de aprofundamento sobre o assunto tem gerado conceitos que nem sempre estão dentro daquilo que pode ou não ser considerado como indisciplina na forma como ele realmente o é, ou seja, muitas das vezes são estabelecidos conceitos acerca de determinados assuntos, mas não se busca a origem dos fatos, o que provoca uma reação de indisciplina e ainda com um agravante, o que realmente é indisciplina.

Assim, o ato indisciplinar pode ter vertentes diferentes e vai depender muito das relações entre alunos, professores, escola e família, mas sempre vai gerar conflitos em algumas dessas esferas.

Porém uma coisa é de fundamental importância nessa relação professor/aluno/indisciplina: a indisciplina, não pode ser tratada de forma imediatista ou instantânea. As circunstâncias que geram a indisciplina devem ser analisadas a fundo, pois não podemos aceitar que as coisas acontecem por falta de valores, ou ao simples comportamento humano, ou o mais grave quando o professor estabelece conceitos de disciplinas e indisciplinas próprios e os tornam metas a serem cumpridas e evitadas, respectivamente.

Um fator externo que influencia diretamente as relações de poder e por consequência causam a indisciplina na sala de aula é a modernidade ou, como muitos autores sugerem, a pós-modernidade. A nova organização que se apresenta é completamente diferente daquela que havia outrora, ou ainda, ela é montada dentro de uma perspectiva de futuro e perde o passado como referência. E isso gera comportamentos muito diferentes daqueles que haviam no passado, pois perdendo o passado, que sempre nos valeu como exemplo, e tendo o futuro como referência, trocou-se a memória pelo imaginável, o sólido enquanto exemplo pelo efêmero e incerto.

Por fim, mas não menos importante vamos à função da escola dentro desse contexto de disciplina e indisciplina. Teria ela o papel histórico de ensinar conteúdos delimitados ou conformar moralmente os alunos e alunas à regras de conduta? Também poderíamos elencar mais alguns papéis como o de transmitir conhecimentos adquiridos ao longo dos anos pela Humanidade, ou preparar os alunos para o convívio em sociedade ou ainda prepará-los para o mercado de trabalho.

Porém, com a democratização do ensino e a ampliação da rede escolar – não vamos aqui, nesse momento, discutir a qualidade do ensino; o faremos mais a frente – há uma busca para acabar com o caráter elitista e excludente, mesmo que seja só na teoria, e que ainda impede a entrada das camadas menos favorecidas à rede escolar, mesmo que isso seja um

ponto de discórdia por parte de muitos autores, principalmente no que se refere ao fato de que essa democratização e ampliação da rede resultaram numa queda na qualidade do ensino, o que efetivamente não pode ser atribuída à entrada daqueles que sempre foram excluídos.

Como já vimos então, vários são os fatores que podem contribuir para a indisciplina na sala de aula, entretanto não podemos nos esquecer de que é preciso mudar radicalmente a herança pedagógica que temos no que se refere a entender o aluno de hoje com um referencial do passado, passado este que vivemos e que tivemos exemplos também anteriores, e não numa perspectiva de futuro. O sujeito de hoje não é e nunca será como se todos fossem iguais em tudo, desde a essência, passando pelos sonhos e pelas possibilidades. Ele é dinâmico, extrovertido, antenado, sonhador, rebelde, criativo, abusado, desapegado, enfim ele é o reflexo do mundo em que vive.

Essa escola de hoje também precisa estar atendida para essas questões, pois ela agora recebe um público que, se anteriormente estava excluído, agora irá exigir cada vez mais dela. Ela não pode simplesmente ignorar esse novo sujeito histórico. Rejeitá-lo seria mostrar sua total incapacidade de administrar essa nova clientela, que agora se faz presente e veio para ficar.

E a partir desses pontos é que vamos encontrar os caminhos que geram a indisciplina e buscar uma análise mais qualitativa dos pontos mais instigantes dessa questão que hoje se esconde sob a égide do “é proibido proibir” e mascarado, muitas das vezes, nas reuniões de Pais e sob a batuta do Conselho Tutelar e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geologia e Estatística (IBGE), pesquisa realizada no ano de 2010, houve um aumento do índice de crimes –roubos, sequestros, latrocínios, etc. – praticados por adolescentes, e para muitos especialistas da área de segurança isso se relaciona diretamente ao fato da lei, mais precisamente o Estatuto da Criança e do Adolescente, ser muito frágil e permitir aos jovens menores de dezoito anos a prática de crimes que geralmente resultam em penas muito brandas.

Esse com certeza é o ponto mais polêmico de tudo o que falamos até agora, principalmente se levarmos em conta o processo histórico da formação do povo brasileiro, os anos de repressão impostos pela Ditadura (1964-1985), a corrupção e a impunidade, a falta de oportunidades, enfim uma série de problemas que vão gerando novos e gigantescos problemas, que ao final se parecem infundáveis e impossíveis de serem solucionados.

Um fato extremamente interessante que notei em minhas andanças foi em relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): ele é muito citado entre professores do Ensino

Fundamental do 3º e 4º Ciclos – que correspondem do 6º ao 9º ano – e no Ensino Médio. Nos níveis iniciais do Ensino Fundamental, notamos poucos professores comentando acerca do Estatuto da Criança e do Adolescente. Talvez isso ocorra devido a imaturidade dos alunos do 1º ao 5º ano, que por serem crianças, ainda não adquiriram a capacidade de questionar ou resistir ao que lhes é imposto. Também notamos uma autoridade muito forte das professoras responsáveis por esses grupos de alunos, o oposto daquilo que ocorre a partir do 6º ano.

Mas tudo isso desemboca em algo maior que é o clamor de grande parte da sociedade por leis mais rigorosas de um lado, e do outro, há um grupo ligado aos direitos humanos que propõe soluções que busquem entender o histórico social daqueles que praticam ou praticaram algum crime, como bem mostra o Art. 104 do ECA:

São penalmente imputáveis, os menores de 18 anos, sujeitos às normas da legislação especial... Na aplicação de medidas sócio-educativas previstas no ECA, leva-se em consideração a idade do menor ao tempo da prática do fato, sendo irrelevante, para efeito de cumprimento da sanção, a circunstância de atingir o agente a maioridade.

O ponto de discórdia entre todos os professores entrevistados foi exatamente o que se refere às penas aplicadas de “caráter socioeducativas”, entendidas por todos eles como soluções paliativas de quem não quer assumir a responsabilidade por obrigações que realmente são suas, e no caso seriam os governantes.

Outra situação é a de que, para os professores contatados, a questão da idade deve ser levada em conta, principalmente se for tomada como base a ideia de que muitos adolescentes com faixa etária entre 15 e 18 anos já possuem plena consciência do que estão fazendo e, portanto, não podem ser tratados como imputados penalmente.

Nesse sentido, os entrevistados apoiam a ideia de redução maioridade penal, posto que, para eles, não há sentido algum em manter sob proteção um grupo que já tem plena consciência do que faz.

Um dos pontos mais questionáveis do ECA é que a legislação atual não prevê, “para aplicação de medida sócio-educativa, seja ela qual for, o desenvolvimento mental do adolescente, mas tão-somente, sua idade cronológica” (RT687/295). É a partir desse ponto que se inicia o embate entre defensores e opositores ao ECA, pois para os primeiros, o fato de ser menor já caracteriza o ser humano como imputável, pois ele não é dono de seus atos e ainda está numa fase de desenvolvimento, seja mental ou físico. Para os outros, as penas deveriam variar de acordo com a gravidade do crime cometido, pois há o discernimento entre certo ou errado a partir do momento em que o menor pratica o delito para obter uma vantagem, não levando em consideração o dano que irá causar a alguém.

Não entrarei no mérito dessa questão e apenas explicita tal situação para ilustrar como a indisciplina pode ser encarada por vários ângulos, onde a sua maneira, cada um tem razão. E se do ponto de vista jurídico a querela é grande, quando me direciono para a escola, para a sala de aula, o problema é ainda maior, pois as regras do mundo do direito, que valem para qualquer lugar, no micro-universo escolar, tornam-se questões ainda mais complexas.

A aplicação do ECA no universo escolar é tão complexo como o próprio embate entre defensores e opositores de medidas mais duras no caso de infrações cometidas por menores, pois temos uma série de instâncias escolares que tornam essa relação extremamente ambígua.

A orientação pedagógica, o conselho disciplinar, a associação de pais, a associação de alunos, os grêmios, todos esses grupos partem de princípios diferentes e não se valem somente pelo estatuto, mas também por sentimentos, interesses, objetivos, propostas educacionais, políticas governamentais, enfim levam em conta o desenvolvimento mental do aluno e não somente sua idade cronológica, contrariando o ECA.

A partir desse conflito, a indisciplina passa a ser vista como algo que, se fere as regras escolares, é entendida do ponto de vista governamental. Por outro lado, se é contra algum aluno, ela é vista como caso pessoal, pois em muitas das vezes, a associação de pais não consegue contornar os conflitos e pais de filhos agredidos passam a fazer justiça com as próprias mãos.

Se a indisciplina é praticada contra professores, o agredido passa a agir sozinho em busca de justiça e aí entre a aplicação do ECA, a partir de uma denúncia feita numa delegacia de polícia. Se há destruição do patrimônio, a instituição penaliza o aluno levando em conta somente o reparo do dano, seja por ressarcimento ou pelo simples reparo.

Quando a agressão é cometida por professores contra alunos, há uma comoção geral da comunidade que passa a exigir “a cabeça desse elemento nocivo á sociedade que agrediu uma criança”, porém o mesmo não se aplica quando alunos agridem professores.

Vemos que os interesses são tão conflitantes quanto distintos e não há um entendimento quanto à lógica do que a ser feito em cada caso. Soma-se a isso ao momento em que vivemos onde a violência tornou-se um fato corriqueiro em nossas vidas. Mas, devemos entender esse processo à luz da sociedade que se forma a partir do desenvolvimento tecnológico e do consumo desenfreado.

Talvez essa tendência seja alterada com o passar dos anos, mas no momento ela é marcante e determinante para que haja uma despreocupação de professores, alunos, direção e pais em relação ao ECA nesta etapa da Educação Brasileira.

Vivemos num mundo onde o individual prevalece sobre o coletivo, numa sociedade marcada pelo fracasso dos sentimentos de solidariedade – e aqui não há pessimismo e sim pura constatação – e que a crueldade é exposta como espetáculo numa sociedade de consumos que quantifica e coisifica as relações entre seres humanos.

Assim, crianças e adolescentes se veem envolvidos por essa atmosfera entre o “eu” e o consumo, onde a família perde seus valores e passa para a escola a função de formar valores e solucionar os problemas advindos dessa situação.

O que se busca nesse primeiro momento foi apenas apresentar um pequeno diagnóstico de como são as relações atuais entre os diversos personagens que compõem a escola como um todo e os diversos pontos de vista acerca de assuntos tão subjetivos e complexos que são o comportamento humano, as relações de poder que se estabelecem entre eles e os conceitos sobre disciplina e indisciplina.

Capítulo III

O QUE É INDISCIPLINA?

Para realizar esta monografia e tentar responder esta questão, realizei os seguintes procedimentos metodológicos:

1 – Durante 20 (vinte) dias, entre os dias 02 e 22 de setembro, mantive contato com 05 (cinco) professores com o objetivo de entrevistá-los acerca de diversos assuntos, dentre os quais estão: disciplina, indisciplina, comportamento inadequado dos alunos e o que leva os alunos a terem um comportamento inadequado.

2 – A escolha dos professores se deu por questões de amizade que tenho com eles e, portanto, a facilidade de encontrá-los é maior, além do tempo que cada um vem exercendo atividade no magistério, todos com mais de 15 anos de experiência em sala de aula.

3 – Os entrevistados são: professora Tânia Regina Franco, professora do Ensino Fundamental, da Creche Escola Paraíso Infantil, situada na Alameda do Sereno, s/nº, Praça Mauá, Rio de Janeiro; professora Grace Kelly Santos, também professora do Ensino Fundamental, da Creche Escola Paraíso Infantil, situada na Alameda do Sereno, s/nº, Praça Mauá, Rio de Janeiro; Edna Olímpia da Cunha, professora do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Duque de Caxias; Andréa Olímpia da Cunha, professora do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e coordenadora de turma do Colégio Realengo, situado na Rua Marechal Soares D'Andréa, nº 90, Realengo, Rio de Janeiro e professora da Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC); e Jeferson Fernandes Rodrigues, professor do Ensino Médio do Colégio Estadual Jardim Meriti, situado na Rua Santos Dumont, s/nº, Jardim Meriti, Rio de Janeiro.

4 – Ao todo, foram aproximadamente, 05 (cinco) horas de entrevistas com os professores, alternadas entre conversas informais e debates, ora individualmente, ora todos juntos, muito em função do tempo de disponibilidade que cada professor tinha. A maioria das partes, onde todos estavam juntos, ocorreu durante os finais de semana. E grande parte das entrevistas foi transcrita e acrescentei também partes relativas às conversas informais que tivemos juntos, mas que foram de grande contribuição.

5 – As entrevistas começaram com 04 (quatro) perguntas formuladas, a saber: “O que é disciplina?”, “O que é indisciplina?”, “O que você entende como comportamento inadequado dos alunos em sala de aula?”, e “Na sua opinião, qual (is) os motivo (s) leva(m) o

aluno a ter um comportamento inadequado em sala de aula?”. A partir daí, os entrevistados puderam apresentar suas opiniões acerca dos questionamentos, se valendo de sua experiência em sala de aula e de como enfrentaram e enfrentam tais desafios em seu dia a dia. De uma forma geral, todos os entrevistados reagiram muito bem às perguntas e viram aqui uma excelente oportunidade para trocar experiências e dar opiniões sobre assuntos que são muito pouco debatidos dentro da escola. Todos foram unânimes em afirmar que poucas vezes foram reunidos para discutir esses assuntos de forma conjunta e o que havia, por vez ou outra, era um conversa informal entre eles dentro das escolas, mas sem nenhum tipo de apoio pedagógico. Informaram também que as direções das escolas quando enfrentam a questão de indisciplina se preocupam apenas em punir o “indisciplinado” sem buscar uma causa para o ato.

Sobre o que é indisciplina, talvez essa seja a pergunta mais difícil de ser respondido atualmente, principalmente se levarmos em conta o modelo de sociedade que se tem hoje.

O que se nota num primeiro momento é a visão acerca do assunto, principalmente quando conversei com as professoras Tania Regina Franco e Greice Kelly Santos, que são professoras da Creche Escola Paraíso Infantil, com turmas de 2º ano e 4º ano do Ensino Fundamental, respectivamente.

Para elas, a indisciplina está ligada principalmente à “questão da educação que os filhos têm em casa”. Ou ainda, “é um reflexo do comportamento que os filhos têm com seus pais e que acaba por continuar na escola”. Trata-se pura e simplesmente de uma extensão daquilo que elas classificam como “falta de educação e de respeito para com os colegas e com os demais profissionais da escola, em especial os professores”.

Não há uma associação com uma possível resistência ao sistema imposto pela escola e tido como padrão pelos responsáveis pela administração e pelo professor. É algo, que para as professoras Tânia e Grace, é natural: “educação a gente traz de casa”. Prosseguem afirmando que não há interesse dos pais em tornar seus filhos “educados” e por isso acaba “estourando tudo na escola, que acaba se tornando uma extensão da casa, onde o professor acaba assumindo o papel de mestre e pai ou mãe, o que não deveria ocorrer”.

As professoras Tânia Regina e Grace Kelly continuam afirmando que “os alunos não conseguem ficar parados e quietos, sempre atrapalham as aulas e dificultam o aprendizado da turma como um todo, porque eles são mal-educados”. Reclamam da falta de apoio da escola na questão da indisciplina, que por não querer perder o aluno (cliente que paga), aceita todas as transgressões e sempre “passa a mão na cabeça dos bagunceiros”.

Assim, para elas, a indisciplina é simplesmente uma questão de falta de educação, que deveria ser dada pelos pais e não pela escola. Elas também se mostraram preocupadas com o futuro dessas crianças, pois mais a frente a tolerância é maior e por isso o resultado com as notas tende a piorar, pois os “professores do 6º ano pra frente, não se importam com isso e simplesmente reprovam os bagunceiros”.

Posteriormente conversamos com a professora Edna Olímpia da Cunha, que trabalha na Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, com turmas do 6º ano ao 9º ano, que afirma ser a indisciplina uma forma de “resistência dos alunos contra um modelo imposto de cima para baixo e que tenta retirar a capacidade de decidir de forma autônoma sobre suas escolhas”.

Já a Professora Edna Olímpia, afirma que a escola tende a enaltecer o “aluno disciplinado”, ou seja, aquele que é “quieto, que anda uniformizado, não fala durante as aulas, se mantém sempre atento (e aí ela abre um precedente sobre o que é ser atento, pois isso na isso verdade nem sempre se configura em boas notas ou em aprovação em concursos), respeita as regras da escola, os professores, alunos e direção, enfim, que é um ser totalmente domado, um cordeirinho”.

Ao mesmo tempo, ela diz que, “por outro lado, essa mesma escola, tende a execrar o aluno que não se conforma com as regras impostas pelo sistema e que por isso é taxado de indisciplinado e bagunceiro”. Para ela, esses alunos sofrem um tipo de preconceito, pois ao não perpetuarem a ideia de “poder previamente estabelecido pela escola, são perseguidos pela direção e professores, que os veem como elementos nocivos ao meio”. Por isso, para ela, na visão da escola “esses alunos devem ser enquadrados e colocados em seu devido lugar e se em caso de não enquadramento, o caminho é a repressão, que pode vir após reuniões com os pais e direção ou chegar ao extremo via conselho tutelar”.

Ela também cita o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como um instrumento para “podar os professores e alunos em favor da escola, que não se enquadram em suas regras”. Prossegue afirmando que o ECA é um instrumento “mal utilizado e mal interpretado por aqueles que são responsáveis pela administração da escola, já que é um instrumento de repressão e por isso deveria ser utilizado em casos de extrema necessidade, que no caso estariam associados à violência, ofensa ou destruição do patrimônio público, mas tudo isso após a análise do Conselho Escolar”.

Os alunos que não tem o perfil desejado pela escola, segundo a Professora Edna, ainda sofrem outro tipo de problema que é “a repressão velada, onde, não de forma declarada, a

escola tende a criar instrumentos que procuram reprimir esse grupo, obrigando-os a realizar tarefas como forma de moldá-los de acordo com seus interesses”. Assim, esses alunos são constantemente reprovados ou colocados em dependência até se enquadrarem no modelo imposto pelo sistema.

Ela afirma a todo o momento, que a escola não questiona quem são os sujeitos que estão ali frequentando seu ambiente e que eles são diferentes e que por isso mesmo possuem especificidades distintas. Durante a entrevista, ela trouxe um livro de Michel Foucault, *O Sujeito e o Poder* (1984), para se fundamentar em suas ideias, que afirma: “Meu objetivo foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornaram sujeitos (...) é o sujeito que constitui o tema geral de minha pesquisa”.

Para a Professora Edna, os dogmas criados e apresentados prontos aos indivíduos devem ser “sempre questionados e postos à prova, pois essa é a função da escola e não perseguir aqueles que não se enquadram naquilo é apresentado como verdade absoluta”.

Notamos a influência de Foucault nas ideias da Professora Edna quando ela pronuncia uma frase que diz: “As luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas”, e que por isso mesmo devemos ter muito cuidado quando falamos sobre o papel da escola, pois para a professora Edna, “a escola deve ser o volante-motor na condução da formação dos indivíduos, mas não a única responsável por isso, pois sua ideologia está contaminada pelas relações de poder e conseqüentemente por instrumentos de repressão”.

Partimos depois para a entrevista com Andréa Olímpia da Cunha, professora da FAETEC (Fundação de Apoio a Escola Técnica) e no Colégio Realengo, que durante nosso primeiro encontro, afirmou “ser a indisciplina uma tentativa dos alunos em burlar as regras da escola, mas como fator primordial é a falta de valores que os alunos e alunas possuem e a permissividade da família que não lhes impõem limites”.

Para a professora Andréa, não se trata de valorizar o aluno “bonzinho”, mas cita exemplos de que os pais são chamados na escola para tomar conhecimento do comportamento de seus filhos na escola e simplesmente não vão ou quando aparecem não tomam medidas para coibir com a indisciplina.

Em nossos encontros, a Professora Andréa afirma que “a família tem muita culpa nos casos de indisciplina, pois transferem para a Escola uma responsabilidade que é sua, ou seja, à Escola cabe ensinar e à família educar”. Ela faz uma distinção entre o ensinar e o educar, mostrando que o ensinar está associado ao aspecto cognitivo, da preparação para o mundo do

trabalho e da vida enquanto cidadão. Já o educar está associado ao lado mais humano, como o respeito ao próximo, à vida e ao meio ambiente.

A professora Andréa usa a frase, “Educação a gente traz de casa” para fundamentar sua teoria, mas ao mesmo tempo, fala da importância da escola enquanto entidade capaz de “auxiliar a família no desempenho da formação do indivíduo, mas não como a única de fazê-lo, como ocorre atualmente”.

A Professora Andréa diz que a “resistência do aluno às regras ocorre de forma inconsciente, isto é, ele não luta contra o sistema como um todo, mas apenas contra algo que o atinge, sua luta é pelos seus interesses, sua individualidade e não como uma luta contra o sistema problemático que a Educação gera”.

Afirma ainda que poucos são os casos onde a resistência e a luta, e por consequência, a indisciplina são resultados de lutas por melhorias na Educação e contra os problemas que o sistema gera para a população como um todo. Para ela, tudo não passa de uma grande permissividade de pais, escolas e governos, que na falta de tato para resolver essas questões acaba por permitir que ela cresça e ganhe espaço por toda a sociedade.

Enquanto professora de História, Andréa Olímpia entende que há um histórico de repressão à sociedade brasileira, que a partir do fim da Ditadura (1964-1985) se viu perdida em meio a tanta liberdade. Assim, desorientada e clamando por liberdade a todo custo, criou seus filhos com a liberdade que nunca teve, “pois os filhos de hoje são os netos da Ditadura”.

Para finalizarmos, conversamos com o Professor Jeferson Fernandes Rodrigues, professor de História da SEERJ e de outras escolas da rede particular. Sua visão acerca da indisciplina foge completamente daquilo que ele classifica como “luta de classes”. Não aceita a indisciplina como instrumento de luta contra o sistema “porque os alunos se preocupam apenas com seus interesses individuais e a maior prova disso é quando acabam o Ensino Médio e vão para as Forças Armadas, onde são obrigados a aceitar as regras rígidas do sistema militar e não o questionam”. Para ele, esses casos não são isolados e cita vários exemplos de alunos que “eram indisciplinados na Escola e que foram para as Forças Armadas em busca de estabilidade e salário e não esboçaram qualquer tipo de reação contrária ao sistema imposto”.

Para ele, da mesma forma como a Professora Andréa Olímpia, o problema maior está na família, que criou o “é proibido proibir” como slogan de uma campanha “de permissividade total por conta da repressão que sofreu durante a Ditadura no Brasil”.

Afirma que quando estudou as regras eram outras e os direitos eram muito menores do que os atuais, mas a luta contra o sistema era realmente “a luta de classes e não a luta pelo direito de entrar na escola com o tênis novo só para se exibir para os colegas”.

Reconhece que cada sociedade viveu contextos diferentes e, que, portanto, o seu momento de aluno não pode servir de parâmetro para ninguém, mas ao mesmo tempo, fala que as pessoas perderam os valores ou ainda pior, os inverteram, transformando o mundo num grupo de indivíduos onde o importante “é cada um cuidar de si, prevalecendo a Lei do Gerson, onde o importante é levar vantagem em tudo e sempre”.

Extremamente seguro em suas palavras e ideias, o Professor Jeferson não aceita indisciplinas em suas aulas, e classifica o ato de indisciplina como “uma afronta à autoridade do professor e um desrespeito aos colegas”. Para ele, indisciplina está ligada a toda e qualquer tentativa de ofender, ferir, humilhar, agredir uma pessoa ou destruir o patrimônio público que é um bem de todos para todos.

Afirma não se tratar de uma “ditadura stalinista na sala de aula, mas de uma ideia de como funciona um local de trabalho, que é o destino da grande maioria dos alunos e alunas”. Fala que “a grande maioria das pessoas que defendem a indisciplina nunca frequentou uma sala de aula enquanto professor de uma escola numa área de risco e sequer sabem dos problemas enfrentados por todos que dela vivem”.

O Professor Jeferson afirma que a autoridade do professor é tão importante na sala de aula quanto a dos pais, porém seus papéis são completamente diferentes. Enquanto o primeiro deve preparar o aluno para o mercado de trabalho e complementar com aulas de respeito e de valores, os segundos devem preparar-lhes para o convívio em todos os setores da sociedade. E esses papéis não podem ser invertidos ou misturados, no máximo podem ser complementados, ou seja, um pode ajudar o outro como forma de conseguir o objetivo maior que é o sucesso dos alunos.

Agora, de posse de todas essas informações, será que poderíamos conceituar indisciplina? Seríamos capazes, com tamanha complexidade, criar um conceito uníssono de indisciplina, mesmo levando em conta tamanha subjetividade que o tema envolve? Com afirma La Taille (1996),

...Não é tão simples assim. Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de suas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. Aproveito para dizer que, hoje, o segundo caso parece-me valer. Estamos longe de contextos como aquele escolhido pelo filme

Sociedade dos Poetas Mortos, em que é retratada uma revolta discente. Hoje, o cinismo (negação de todo valor e, logo, de qualquer regra) explica melhor os desarranjos das salas de aula. Anteontem o professor falava a alunos dispostos a acatar; ontem, a certos alunos (pré-) dispostos a discordar e propor; hoje, tem auditório de surdos. Estou de novo exagerando, só não sei exatamente o quanto...

E a questão se prende exatamente a isso, ou seja, os alunos de hoje, em sua grande maioria, não estão dispostos a aceitar as regras que sempre existiram na sociedade. Para muitos deles, é mais fácil ignorá-las ou fingir seu total desconhecimento para burlá-las e assim encontrar meios para evitar possíveis punições.

Então qual é o caminho para descobirmos o conceito ideal para indisciplina? Talvez não tenhamos nunca um caminho definitivo e o termo “nunca” seja o ideal a ser empregado nesse momento, pois diante de tantos questionamentos que envolvem as relações de poder, e nesse caso, temos uma confusão ideológica, pois há uma confusão dialética entre o “é proibido proibir” e o “temos de impor limites”, o que pode resultar em algo tão gigantesco em termos de “qual o caminho certo a seguir?”, que poderemos acabar numa encruzilhada definitiva entre o que queremos e o que realmente iremos fazer.

Com certeza essa foi a parte mais confusa de todo o trabalho e o objetivo foi exatamente esse, ou seja, mostrar como a disputa entre o impor e o deixar fazer pode provocar um choque ideológico tão grande, que os indivíduos envolvidos no processo como um todo, seja aluno, professor, dirigente ou pais, serão incapazes de discernir entre o que buscam e o que realmente pretendem ter.

Produziremos um ideal de sociedade baseado em dois mundos distintos e completamente antagônicos, onde todos perderemos e a vitória caberá ao caos. E agora me faço valer das palavras de La Taille, “Estou de novo exagerando, só não sei exatamente o quanto...”.

Capítulo IV

O QUE VOCÊ ENTENDE POR COMPORTAMENTO INADEQUADO DOS ALUNOS EM SALA DE AULA?

Essa questão está totalmente associada à indisciplina em sala de aula, pelo menos foi essa a impressão que tive ao conversar com os professores entrevistados: Tania Regina Franco, Greice Kelly Santos, Edna Olímpia da Cunha, Andréa Olímpia da Cunha e Jeferson Fernandes Rodrigues.

Não se trata de uma relação pura e simples de associação de causa e efeito, mas de algo extremamente complexo e difícil de explicar de uma forma direta e rápida, pois ela está também ligada aos fatores que compõem o ambiente da sala de aula, a escola e a casa dos alunos.

Assim, o que ocorre na sala de aula é, na visão dos entrevistados, uma composição dos problemas que começam na casa dos alunos, vão em direção na escola como um todo e por fim, acabam por eclodir nas salas de aula.

Talvez por se tratar de algo tão subjetivo como é o comportamento humano num ambiente tão diverso como é a sala de aula, a qualificação de “inadequado” ao comportamento torna a questão ainda mais difícil, principalmente do ponto de vista da análise social.

A professora Tânia Regina afirma que o comportamento inadequado é aquele em que o aluno não respeita o espaço do outro e afronta a autoridade do professor. Para ela, esse comportamento é um reflexo daquilo que os alunos têm em casa e acabam por levá-lo para o espaço escolar.

Afirma que a indisciplina, enquanto falta de educação, é o reflexo de uma sociedade que não impõe limites às crianças, que por isso passam a ter um comportamento desrespeitoso em sala de aula, o que ela classifica de comportamento inadequado.

Assim, suas ideias de “comportamento inadequado” estão plenamente associadas à questão da indisciplina, que conforme já vimos anteriormente em sua visão, trata-se de uma questão de “falta de educação, onde os pais deixam para a escola o papel de educar e não o de ensinar”.

A professora Greice Kelly concorda plenamente com a professora Tânia Regina e acrescenta que nos últimos anos tivemos uma deterioração das relações entre

escola/professor/aluno/família e que isso se deveu a própria mudança pela qual a sociedade mundial atualmente passa. Para ela, houve uma grande inversão de valores sociais e muitos são a favor do “ser mau é legal e ser bom é coisa de bobo”. Isso, em sua opinião, talvez seja o que mais tem influenciado os alunos em sala de aula e tem gerado grandes conflitos, que muitas das vezes contam com a inoperância de pais e da escola.

Para a professora Greice Kelly, os problemas da escola são reflexos, em sua grande maioria, dos problemas que os alunos têm em casa. Na falta de uma referência de autoridade em casa, os alunos acabam por trazer para a escola um comportamento caracterizado “pela violência, falta de educação, desrespeito para com os professores, funcionários e outros colegas e um despreparo para uma vida futura”.

Ela diz que “a solução seria um investimento sério na família, com a criação de políticas públicas que buscassem recuperar as relações entre pais e filhos que, com certeza, iriam refletir positivamente na escola”. Como exemplo, ela cita um evento no qual participou num encontro religioso – uma ressalva que ela fez nesse momento, foi de que não há necessidade de se ter um caráter religioso nesses eventos; apenas foi um fato isolado – onde pais e filhos que estavam em conflitos foram trocados, isto é, pais passaram uma semana com outros adolescentes, que não eram seus filhos legítimos e vice-versa.

A experiência foi tão válida na opinião da professora Greice, que muitos filhos e pais viram que seus problemas eram frutos da falta de diálogo e aceitar as opiniões diferentes. Diante de pessoas com as quais não possuíam afinidade, os conflitos eram plenamente entendidos, pois havia diálogo, que segundo ela mais por uma questão de educação e respeito do que por outra coisa, fato que não havia entre pais e filhos legítimos.

Findada a etapa de convivência, os filhos legítimos voltaram para suas casas e com a ajuda de um psicólogo, passou-se a ter um maior diálogo entre eles, pois a todo o momento havia uma comparação entre os casos similares que cada lado tinha vivido e com isso o resultado para um entendimento foi muito melhor.

Ela acrescenta que o rendimento escolar desses alunos envolvidos no projeto também mudou muito e para melhor, pois as notas subiram e comportamento deixou de ser “desrespeitoso para ser algo digno de um ser humano”.

A professora Edna Olímpia, apesar de ser uma pessoa altamente influenciada por Michel Foucault, assumiu uma postura um pouco mais radical quando o assunto foi comportamento inadequado do aluno em sala de aula.

Ela que admitia ser a indisciplina em sala de aula um comportamento de “resistência a um sistema imposto contra a vontade dos alunos”, vê o comportamento inadequado como um “estado de revolta sem justa causa, que muitas das vezes é resultado da falta de uma referência dos alunos, seja em casa ou na escola, pois isolados socialmente de um espelho para seguir, os alunos passam a criar uma perspectiva própria de ser humano, que em sua grande maioria é inspiração de um personagem da televisão ou de um ídolo do esporte ou da música”.

Ao mesmo tempo, a professora Edna afirma que o aluno é um indivíduo que não possui uma característica única e por ser muito diverso em seu caráter, a ideia de inadequado deve ser entendido como algo muito subjetivo do ponto de vista educacional e social e não como algo possível de ser facilmente detectável.

Ela permanece afirmando que se aluno agride uma pessoa, destrói o patrimônio público ou vende drogas na escola, esses são exemplos de comportamentos inadequados. Porém, isso não significa uma regra, pois enquanto subjetivo, o comportamento humano é passível de entendimentos diferentes por parte daqueles que são responsáveis pelo estabelecimento de regras e pode gerar entendimentos difusos do ponto de vista social e educacional. Tudo depende de quem julga e de quanto “vai receber em troca de uma punição ou de uma absolvição”. Esse “suborno social” é resultado das relações mal construídas entre escola e família e se aquele que julga tiver menos aborrecimento em suas decisões e mais louros pelo julgamento, vai trabalhar sempre no sentido de conciliar, de mediar, apesar de ter um status de juiz.

Ela ressalta que isso ocorre também em virtude da inexistência de leis que possam evitar um “massacre do professor quando este assume uma postura contrária ao que as decisões da escola classificam como o melhor para todos”. O professor deve, em sua visão, ser a peça fundamental no processo de criação para uma escola mais justa e mais igualitária, pois os alunos, ao longo dos anos, sempre o tiveram como um reflexo daquilo de bom que havia na escola, mas isso mudou por conta das mudanças sociais que estamos vivendo.

Capítulo V
**NA SUA OPINIÃO, QUAIS (IS) OS MOTIVO (S) LEVA (M) O ALUNO A TER
UM COMPORTAMENTO INADEQUADO EM SALA DE AULA?**

Agora chegamos a última parte do trabalho e a pedido dos professores entrevistados, será feito um debate aberto sobre quais os motivos que levam o aluno a ter um comportamento inadequado. Isso ocorre porque os professores que participam de pesquisa, Tânia Regina, Greice Kelly, Edna Olímpia, Andréa Olímpia e Jeferson, gostaram tanto da forma como os temas foram abordados que solicitaram fazer uma mesa redonda para que se criasse não só um debate, mas soluções para suas diferentes realidades em cada escola onde trabalham. E como isso foi realizado num sábado à tarde, aproveitamos para comer alguns cachorros-quentes, pipoca e muito suco de maracujá.

Apesar de algumas divergências, o que é absolutamente normal no caso de um debate, todos foram unânimes em afirmar que a origem dos problemas de indisciplina ou de comportamento inadequado em sala de aula, está na forma como os alunos e alunas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio se relacionam com suas famílias e como os casos de indisciplina em casa são abordados pelos pais desses alunos e alunas.

Não há, na opinião de todos os professores entrevistados, um referencial maior do que a família e, portanto, se ela está desestruturada ou com problemas de convivência entre seus membros, conseqüentemente isso irá refletir nos filhos e filhas e, por conseqüência, na sala de aula.

Afirmam que, e aqui está outra unanimidade entre eles, a família não pode ser substituída pela escola e os professores não podem assumir o papel de pais dos alunos e alunas. É preciso haver uma separação entre família e escola e não uma extensão da segunda em relação à primeira.

Possuem abordagens históricas, sociais e políticas diferentes em seus papeis, tanto a escola quanto a família, e por isso mesmo atribuir-lhes o papel de extensão seria, na opinião dos entrevistados, tirar a responsabilidade de um, no caso a família, e sobrecarregar a outra, no caso a escola. Ambos foram criados para tratar de formas diferentes as relações interpessoais e intrapessoais, onde à escola cabe proporcionar ao aluno – e cabe destacar o termo “aluno”, que é diferente de “filho” – a oportunidade do conhecimento filosófico, científico e empírico, baseado não somente nas trocas de experiências entre professores,

alunos e escola, mas também na capacidade do professor, não único ser capaz de levar conhecimento, de ser possuidor de métodos e ferramentas próprias que favorecem ao aprendizado.

Já a família é importante para transmitir o conhecimento empírico, baseado nas trocas de experiências entre seus membros, mas não que isso seja uma regra clara e permanente, porém como estamos tratando da questão da origem do comportamento inadequado em sala de aula, é mister afirmar que tal distinção foi criada pelos professores com o objetivo de separar a família da escola.

Assim, ao longo do tempo, os papéis se confundiram ou mesmo se inverteram, gerando uma sobrecarga para um, a escola, e um desafogo para o outro, a família. Imbuída de uma obrigação que sempre foi sua, a família transferiu para escola o papel que sempre foi seu, ou seja, o de educar, no sentido de criar filhos que respeitassem o direito do próximo.

Esvaziada de suas obrigações, a família transferiu para a escola a função de educar e não somente de ensinar – e aqui vai outra diferenciação feita pelos professores entrevistados, que fizeram questão de ressaltar que cabe a família educar e à escola ensinar, criando assim uma tipologia diferente para conceitos senão iguais, pelo menos muito próximos. Essa diferenciação entre o educar e o ensinar acontece porque, para eles, ao longo do tempo, muitos pais preferiram cuidar de outros afazeres, seja por necessidade econômica ou vaidade, e delegaram para a escola e, conseqüentemente para o professor, o papel que originariamente era seu, isto é, tornarem seus filhos educados.

Assim, houve uma sobrecarga muito grande de trabalho para a escola e conseqüentemente uma queda na sua qualidade, pois imbuída de novos afazeres, a escola simplesmente não conseguiu e não consegue dar conta de tantos afazeres. Por outro lado, a família se viu desobrigada de cumprir sua parte num acordo, que se não era formal, ocorria de forma tácita e mantinha um equilíbrio entre os dois mundos: o da família e o da escola.

Esse rompimento ocorre, segundo os professores entrevistados, por conta de vários fatores, tais como a modernidade, a tecnologia, o individualismo, a necessidade de se trabalhar cada vez mais, a vaidade – esse talvez tenha sido o mais engraçado dos motivos, pois a professora Tânia Regina afirmou que algumas mães fazem questão de levar os filhos para escola não por uma questão de “pensar no futuro”, mas para ficarem nas academias e salões de beleza, pois segundo ela, as mães afirmam que “é preciso se cuidar e filho desgasta muito a beleza” – e o desinteresse de manter uma relação familiar harmônica.

Bem verdade também que todos os professores entrevistados afirmaram que isso não ocorre em todas as famílias, mas sim na maioria delas e que são poucas aquelas que participam diretamente da formação das crianças e adolescentes. Afirmaram que essa minoria que assume a responsabilidade na formação de seus filhos e filhas está imbuída de um papel que não existe mais, ou seja, da “família presente” que contrasta totalmente da “família ausente”.

Esses termos “família presente” e “família ausente” foram criados pelo professor Jeferson e aceito por todos os demais entrevistados para designar os grupos familiares que se preocupam com seus filhos e para os grupos que transferem para a escola esse papel. O professor Jeferson lembrou de vários casos que comprovam sua teoria e um deles nos chamou atenção por demais.

Contou que num colégio em Nova Iguaçu, da rede particular de ensino, conheceu um aluno de nome Eduardo que sempre foi muito tímido e quase não falava em sala de aula. Tinha um comportamento retraído e quase nunca sorria. Por vezes ele encontrava o Eduardo sentado a sós na escada que levava para o pátio da escola durante o intervalo.

Certo dia, e ele diz que foi numa quinta-feira, faltou energia na escola e os alunos tiveram que ir para o pátio, pois estava muito calor. Todos saíram menos o Eduardo, que estava de agasalho preto – como sempre. O professor Jeferson – que faz questão de exaltar que sofreu influências de Chico Anysio, no programa Escolinha do Professor Raimundo, para dar suas aulas, pois afirma que acima de tudo o professor precisa fazer com que o aluno não apenas goste da aula, mas que faça questão de ir para a escola quando tiver sua aula – chamou o Eduardo e lhe perguntou por que ele estava de agasalho “num calor do cacete” (palavras dele) e não iria sair da sala. Para sua surpresa, o aluno respondeu que não tinha motivos para sair e preferiria ficar sozinho na sala, pois as pessoas não o entendiam. Sobre o agasalho, ele respondeu que por ser muito “branco”, as pessoas “o sacaneavam”.

Então, numa atitude brusca e impensável – ele faz questão de usar o termo “irraciocinável” – subiu as escadas, tomou um agasalho emprestado de um aluno, se vestiu e ficou com o Eduardo na sala, sentindo “um calor do cacete”, mas ali, “firme e forte” e começou a conhecer melhor “aquele ser que fugia de tudo e de todos”.

E foi assim que o Eduardo começou a falar sobre seus problemas em casa, principalmente no relacionamento com seu pai, uma pessoa muito dura quando falava das obrigações do filho, mas que deixava muito a desejar quando o assunto era a contrapartida

dessas cobranças. Falava sobre agressões verbais e físicas que sofria por parte de seu pai. Enfim, o jovem aluno viu nele, Jeferson, segundo ele, uma esperança para desabafar.

A partir daí e após uma hora de conversa, onde o professor Jeferson afirma que basicamente só ouviu ou Eduardo falar, ele resolveu tomar algumas atitudes que pudessem ajudar o Eduardo a melhorar seu relacionamento com os outros alunos e alunas da escola.

Procurou a coordenadora do colégio, de nome Nil – ele também faz questão de exaltar a ajuda dessa profissional – e passaram juntos a traçar um plano que ajudasse o Eduardo. A primeira medida foi, segundo um ele, um “choque de ordem”, pois na sexta-feira após o primeiro contato com o aluno, choveu muito e o professor Jeferson pediu “emprestado” o agasalho preto do Eduardo alegando que estava com febre e não podia pegar chuva.

Imediatamente, o Eduardo cedeu-lhe o agasalho preto sem titubear, apesar de ter ficado envergonhado por estar “nu diante de seus colegas” – essas foram suas palavras para o Jeferson. Pronto, em sua visão, o segundo passo havia sido dado, já que o primeiro foi a aproximação do Eduardo. Agora, sem o agasalho, o Eduardo estava igual a todos os demais e não era mais “o garoto do casaco preto”, como ficara conhecido.

Eduardo sabia que o professor Jeferson só voltaria à escola na quinta-feira e isso foi um fator de preocupação para ele, segundo o professor, pois sua dúvida era como as coisas ocorreriam para ele sem sua “proteção”, já que o casaco possuía um capuz que, invariavelmente escondia a fisionomia do aluno. Mas, mesmo assim, vendo o novo amigo “com febre”, não titubeou e fez o empréstimo “na boa”.

O Eduardo chegou a perguntar, segundo o Jeferson, se não seria possível ele levar o casaco para ele na segunda-feira, mas havia dois empecilhos: o primeiro, era que o professor trabalhava em outras escolas longe de Nova Iguaçu e o segundo, ele morava em Niterói. Assim, o Eduardo “meio que se conformou” com essa situação e disse que esperaria até quinta-feira para reaver seu “bem mais precioso”.

Para o professor Jeferson, o agasalho era como a máscara para o Batman e os óculos para o Superman – nesse momento foram várias as gargalhadas, pois as professoras questionaram o porquê de ninguém descobrir quem era o Superman, já que a única coisa que o diferenciava do Clark Kent eram seus óculos. O Eduardo estava sem seu “escudo protetor” e, portanto, sujeito a todos os problemas que essa situação nova pudesse resultar.

Nesse meio tempo, entre a tomada emprestada do agasalho e, por consequência, da nova “cara do Eduardo”, o professor Jeferson diz que pediu ajuda de alguns alunos que possuíam “ascendência dentro da escola”. Como ele era visto como um “professor popular” –

mais gargalhadas na sala, principalmente porque sua esposa, a professora Andréa, sugeriu que ele fosse candidato a governador nas próximas eleições –, os alunos o ajudaram prontamente e ficaram ajudar a “incluir o Eduardo no grupo”.

Os dias se passaram e na quinta-feira seguinte, quando era o dia para entregar o agasalho preto ao Eduardo, o professor Jeferson deixou “a máscara do Batman” no carro e de propósito, só para ver qual seria a reação do aluno quando ele dissesse que havia esquecido o seu objeto mais valioso em casa. E foi isso que ocorreu. O Eduardo parecia ansioso a espera de sua chegada à escola e para sua surpresa, quando ele subia as escadas para a sala de aula, foi interceptado pelo aluno que não perguntou pelo agasalho, mas sim pelo dia em que poderiam conversar novamente. Em sua visão, o remédio fizera o efeito e agora era questão de tempo para tornar o Eduardo um aluno “completo”, ou seja, também bem no lado do conhecimento científico, como nas relações pessoais.

No mesmo dia, era aniversário do Caio – que segundo o professor Jeferson, era chamado de Sovaco pelos outros alunos – e pela primeira vez, o Eduardo se interessou em participar. Jeferson afirma que para onde ele ia, o Eduardo estava próximo e em seus pensamentos aquilo se tornaria uma troca, ou seja, o Eduardo estava trocando o agasalho por ele e era exatamente isso que ele não queria.

Em sua opinião, o Eduardo precisava ter vida própria e não poderia, sob hipótese alguma, ficar à espera de uma “nova máscara”, que no caso seria ele. Nesse sentido, tratou de criar situações durante a comemoração que levassem o Eduardo a se aproximar do grupo como um todo e não apenas dele. Para isso dar certo, começou exigir do aluno cada vez mais responsabilidades e levá-lo a agir de forma mais autônoma, sem a dependência de alguém ou de algo.

No mesmo dia, após a festa, o professor Jeferson teve a ideia de fazer um “seminário surpresa” e que seria a base das notas do bimestre. O tema era livre e segundo ele, os alunos poderiam falar de qualquer coisa, desde que tivesse relevância para o crescimento de todos enquanto alunos e seres humanos.

Segundo o Jeferson, num primeiro momento alguns alunos acharam que isso não traria nada de bom para suas avaliações e, portanto, não iriam se dedicar com afinco. Porém, após sua explicação sobre a forma como o seminário deveria ser feito e como isso iria ajudá-los, principalmente em termos de ENEM, pois o assunto apresentado deveria ser escrito e posteriormente corrigido, o que os ajudaria na redação – como treinamento – e as notas seriam divididas entre Português e História, além de ser dado mais um ponto em Física e em

Matemática. Ele lembra que “por ser popular” – mais gargalhadas –, outros professores, seus amigos, entraram “na onda” e como todos estavam na festa do Sovaco, a oportunidade para o Eduardo começar “vida nova” seria excelente.

E assim se deu o seminário. Vários alunos falaram sobre temas diversos, mas que de alguma forma tinham uma relação com o ENEM, pois eram assuntos atuais e que provavelmente poderiam ser um dos temas escolhidos para a redação.

Quando chegou a hora do Eduardo, segundo o Jeferson, “meio que rolou um suspense, pois todos nunca o tinham visto assumir uma postura daquela e ainda mais sem o maldito casaco”.

O tema escolhido pelo Eduardo foi a responsabilidade da família na educação dos jovens. “Caraca!”, se exaltou o Jeferson, que viu naquele momento que algo estava ocorrendo. E as coisas estavam mais rápidas do que ele imaginara, pois de uma hora para outra, “aquele ser que sempre esteve escondido pelas sombras da escola, como que do nada, saia da casca ou do armário – novas gargalhadas – para discutir o que o afligia a tanto tempo”.

E Jeferson afirma que o Eduardo falou, falou como nunca e se expos para a turma e levou para todos, os seus problemas e aflições. Culpou sua família por não orientá-lo e não mostrar-lhe como as coisas ocorrem e por tanto tempo que perdeu “andando como um morcego velho e pelos cantos”. Nesse momento, o clima entre nós era de grande curiosidade, pois todos estavam ansiosos em saber o desfecho da história. E esse desfecho veio. E para surpresa de todos nós, o Jeferson disse que o Eduardo, diante da turma – com aproximadamente 90 alunos – disse: “Eu queria que esse cara aqui fosse meu pai”. Mais um “Caraca!” ecoou pela sala e o Jeferson afirmou que ficou sem palavras, pois ele não esperava que em tão pouco tempo, o Eduardo se apegasse tanto a ele.

Ainda mais numa relação paternalista, pois em sua visão ele era apenas um professor, um ser responsável “apenas em levar conhecimento para que aquela turma de terceiro ano conseguisse passar no ENEM”. Mas, agora ele se via diante de uma situação nova, não que isso nunca tivesse ocorrido, até porque, segundo ele, o Sovaco o chamava de “pai” e outra aluna de nome Soraya também o chamava assim, Mas o que o assustou, segundo ele, foi a entonação da frase e “os olhos do garoto cheios de lágrimas”. Aquilo o deixara sem palavras, mas como que do nada, ele fez uma brincadeira e disse algo do tipo: “engraçado, tenho um filho novo, mas nunca tive nada com a mãe dele”. Mais risadas na sala (de aula e onde estávamos fazendo nossa conversa) e agora acompanhadas (na sala de aula) por uma nova

situação, onde ele, Jeferson, teria que entrar em contato com a família, de forma que pudesse haver um entendimento entre todos.

Com a ajuda da Nil (coordenadora citada no início da situação que estamos falando), a família foi convidada a comparecer à escola para tentar resolver de vez o problema. O Jeferson fala que dessa vez o encontro se daria à tarde, fora do horário da aula e o dia marcado foi na terça-feira e ele fez questão de comparecer mesmo tendo que trabalhar em outra escola e morando muito longe de Nova Iguaçu.

Ele diz que ficou sem dormir por dois dias, ansioso por conhecer a família de “seu mais novo filho”. Tinha curiosidade acerca do pai “verdadeiro” do Eduardo. No dia marcado, todos compareceram e agora os relatos serão dados pelo Jeferson: “Mal cheguei à escola e vi que um senhor, com aparência cansada e bem vestido estava na secretaria da Escola. Me perguntei se aquele seria o pai do Edu, mas deixei para lá e fui falar com a Nil. Quando estava entrando na coordenação, esse senhor me abordou e perguntou se eu era o Jeferson. Disse-lhe que sim e então ele me pediu para conversar em separado antes de falarmos todos juntos. Concordei, pois não havia motivos para gerar atritos. A primeira pergunta que ele me fez foi por que seu filho gostava mais de mim do que dele e como ele deveria fazer para ser igual a mim. Fiquei sem entender. Depois ele me disse que o Eduardo só falava de mim em casa e que eu era um cara muito legal e que sabia de muitas coisas e que aconselhava aos alunos e não os deixava fazer coisas erradas. Que jogava futebol com eles e que até saía na porrada por causa deles. Que eu brigava pelos seus direitos e nunca os abandonava. Enfim, me transformou num super-herói, que ele, enquanto pai, jamais seria. Fiquei extremamente embaraçado, mas ao mesmo tempo lisonjeado. Afinal de contas, eu era o cara! Então, mais calmo e mais ligado na situação, falei que o Eduardo era um bom garoto, mas que estava desorientado e muito a parte do mundo. Falei do casaco preto e o pai disse que ele já não aguentava mais falar para o Eduardo sobre aquilo, mas que simplesmente ele não o ouvia. Mostrei-lhe que aquilo servia exatamente para que o Eduardo chamasse a atenção para si e que o melhor remédio seria sentar e conversar. Até sobre o casaco preto o pai do Eduardo falou que eu tinha conseguido fazer algo que ninguém jamais conseguiu fazer. Nesse meio tempo, o Eduardo, sua mãe e um irmão de oito anos chegaram para participar da conversa e nos encontraram rindo sobre as coisas que falávamos naquele momento, pois para quebrar o gelo resolvi falar de futebol e descobri que aquele senhor, que se chamava Augusto, era, como eu, um botafoguense. A surpresa do Eduardo foi tamanha, pois ele não imaginava que duas pessoas tão diferentes – como ele havia imaginado – poderiam ter algo em comum e por isso

mesmo houve um misto de decepção e alegria. Decepção para comigo, que ele acreditava ser um super-herói e que por isso mesmo iria destruir seu pai, o grande culpado por todos os seus problemas – dentro de sua imaginação. Alegria por ver que ele estava totalmente enganado, pois seu pai e eu éramos tão mortais e iguais como qualquer ser humano. A partir daí, começamos uma série de encontros que resultaram numa sensível melhora do relacionamento entre todos e que, se não é o ideal, pelo menos acabou com as brigas”.

Para encerrar essa situação, o professor Jeferson disse que o Eduardo dois meses depois “arrumou uma namorada e que não era Mônica” – para diferenciar da música Eduardo e Mônica, do Legião Urbana – e passou no vestibular para Filosofia na UFRJ, onde cursa até hoje e está no sexto período.

Essa situação foi motivo de grandes debates durante nosso encontro e foi a escolhida por todos como a melhor, pois ela nos remete ao papel da escola e da família que foi muito discutido ao longo de nosso trabalho.

Em nosso entendimento, ao assumir o papel de família e pai, a escola e o professor, respectivamente, e baseado em tudo o que os professores participantes do debate expuseram, sofreram uma sobrecarga de função e, ao mesmo tempo, desoneraram a família de tal função. E esse foi o aspecto mais importante no entendimento de todos os participantes do debate, apesar de posteriormente ter havido uma reunião entre a escola e a família para que cada um assumisse seu papel, não cabe a escola a função de família e vice-versa.

Para os entrevistados, cada um precisa executar seu papel de forma que as coisas fluam dentro de uma lógica de “normalidade e lógica”, pois segundo eles, “cabe à escola ensinar e à família, educar”.

Capítulo VI

CONCLUSÃO SOBRE AS ENTREVISTAS

De posse de tudo o que debatemos ao longo de uma semana de conversas e troca de experiências com diversos professores, podemos concluir que para a grande maioria deles, a questão da indisciplina está relacionada diretamente com a atitude que a família tem ou não em relação à educação das crianças e adolescentes.

Apesar de alguma ideias diferirem no que tange à ideologia, principalmente em relação à da professora Edna, que adotou uma linha ligada a Foucault, que se refere à maneira como os alunos interpretam a indisciplina enquanto forma de resistência a um modelo imposto sem uma consulta prévia, todos foram unânimes em colocar a família como uma instituição que deixou de cumprir seu papel de “educar” e passou para a escola, cuja função é “ensinar”.

Educar e ensinar são atividades muito diferentes, como atestam os grandes educadores e educadoras do nosso Brasil, que dão o melhor de suas vidas a fim de transformarem meros indivíduos em potenciais cidadãos de bem, sem obterem, amiúde, o reconhecimento por este magnífico préstimo (...) de acordo com o dicionário, ensinar é ministrar e/ou transmitir conhecimento, informação; é instruir e/ou treinar. Ensinam-se o alfabeto, os números, os idiomas, a tomar banho, escovar os dentes, vestir-se adequadamente, a tirar leite, a fazer comida, a fazer massa de reboco, etc.; não obstante, o ato de educar vai além disto: está intrinsecamente associado aos valores, normas, atitudes, ações e procedimentos universalmente válidos, éticos e morais; baseia-se, com efeito, em comportamentos, valores e princípios que visam o aperfeiçoamento da vida e da dignidade do ser humano (...) Sendo assim, educar é: defender o direito à vida, justiça, igualdade social, paz entre as nações; crer na capacidade de todas as pessoas de aprender e de ensinar e de proporcionar meios para que elas sejam melhores do que nós; rejeitar todo tipo de acepção e de preconceitos; promover a pessoa humana por sua essência e excelência; valorizar a caridade, a misericórdia, a compaixão e o senso de empatia; propagar o valor da amizade, da honestidade, da hombridade, da felicidade para todos; desenvolver a crença num mundo melhor, mais justo, igualitário e ético, sem utopismo, paternalismo e conformismo; asseverar coisas, embora a princípio rejeitáveis, mas necessárias para a proteção e a integridade da vida e do interesse coletivo; apregoar o benefício da sociabilidade, da diversidade e da diferença.²

Assim, ensina quem faz do ato uma função de mestre, de professor, daquele cuja habilidade está intimamente ligada à Educação enquanto ciência. O ato de ensinar, nos leva a ter a noção de algo que deve ser ensinado, aprendido por alguém, de tal sorte que isso possa

² <http://www.sumare.com.br/noticias/noticia.jsp?id=9325>

refletir numa aprovação, após uma avaliação. Logo, a função de ensinar cabe à escola e ao professor.

Já o educar está associado aos valores da família – “educação a gente traz de casa” – diz o dito popular. Educa-se para dar valores, estabelecer limites, para que aqueles ou aquelas que estão sendo educadas possam entender que a vida é feita de respeito ao próximo, de partilhas, de movimentos cujos objetivos devem sempre estar associados ao bem comum.

Apesar de estarem muito próximos, os atos de ensinar e educar, para os professores entrevistados, estão separados pelos papéis que tanto a escola e a família possuem dentro do processo total da Educação. Estamos, nesse caso, diante de um problema em que a escola e a família, que possuem papéis distintos e precisam chegar a um denominador comum para que a solução seja satisfatória para todos.

À escola cabe, segundo Aranha (2007),

De acordo com Libâneo, “a contribuição da escola para a democratização está na função que lhe é própria: a transmissão/assimilação ativa do saber elaborado. Assume-se assim, a importância da escolarização para todos e do desenvolvimento do ser humano total, cujo ponto de partida está em colocar à disposição das camadas populares os conteúdos culturais mais representativos do que de melhorar se acumulou, historicamente, do saber universal, requisito necessário para tomarem partido no projeto histórico-social de sua emancipação humana” (...) Para Saviani, (...) “a escola é, pois, compreendida a partir do desenvolvimento histórico da sociedade; assim compreendida, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade sem classes, a uma sociedade socialista”. (pág., 79)

Assim, à escola cabe o papel de “ensinar” ou ainda de permitir que o processo de escolarização, e aí entenda-se como o poder de permitir às camadas populares a chance de acessarem o todo o conteúdo cultural acumulado ao longo dos anos com o objetivo de permitir-lhes a emancipação, ou seja, o tornar-se livre do jugo do dominador e que isso leve a todos a uma sociedade sem distinções de classes.

Portanto, estamos falando de uma escola que permita o crescimento social, político e econômico de todos aqueles que sofrem com a opressão de um sistema injusto, cuja falácia se prende a uma suposta liberdade de mercado, mas que privilegia aos mais ricos.

Porém, ao ficar sobrecarregada em seu papel, a escola perde sua capacidade de agir como deveria e passa a fazer sua função, concomitantemente com o da família que na visão de Levy Júnior (2002) in Hoebel (2006)

A família, de uma forma ou de outra, é a unidade primária da cultura humana e da socialidade (...) 1. Não existe nenhum caso conhecido de uma sociedade que não tenha famílias como subsistemas da mesma (...) 2. Não existe nenhuma sociedade conhecida na qual a colocação inicial dos

indivíduos deixe de ser em termos de família – quase certamente de maneira preponderante, senão exclusiva, em termos de família. (...) 3. Não existe nenhuma sociedade conhecida na qual não somente o conhecimento básico inicial, mas uma parte substancial dele – isto é, o conhecimento que, institucionalmente, se espera seja partilhado por todos, ou virtualmente por todos os membros de uma determinada sociedade – não seja adquirido num contexto de família para a grande maioria dos membros da sociedade. (pág. 204)

Já Hoebel (2006), afirma que as

funções básicas da família podem ser desempenhadas com diferentes graus de eficiência, de cultura a cultura, e os detalhes das maneiras como as famílias – dentro de diferentes sistemas culturais – desempenham estas funções, produzem as personalidades individuais notavelmente diferentes de crianças e adultos (...) Neste ponto, o fato mais relevante é que nenhum substituto evidentemente pode servir às funções do desenvolvimento da criança tão bem como um grupo de parentesco íntimo, a família ou outro. (pág. 204)

Já a Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente traz em seu artigo 4º, diz que

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (pág. 1)

Notamos que a família não pode e não deve ser substituída pela escola para exercer uma função que é exclusiva sua, pois se isso ocorre as perspectivas de se formar um indivíduo pleno de seus direitos é praticamente nula, já que a inexistência do elemento familiar, ou pelo menos de sua pouca participação nesse processo, criará um ser moldado de acordo com os conhecimentos adquiridos por si só. Poderíamos nesse caso usar o dito popular que “a escola da vida sempre ensina de forma mais dura”.

E é exatamente isso que tem ocorrido, pelo menos foi essa a conclusão que chegamos juntamente com os professores entrevistados. A pouca participação, ou até mesmo a inexistência, da família no processo de formação das crianças e adolescentes como indivíduos capazes de reconhecerem seus direitos e deveres para a criação de uma sociedade mais justa, tem proporcionado a formação de um mundo com valores invertidos – onde o certo é errado e vice-versa – com resultados catastróficos em termos de aumento da indisciplina e, por consequência, das mais variadas formas de violência.

Esperamos que nosso trabalho seja a ponta do iceberg para a elaboração de uma sociedade calcada pelos valores da família – e aqui não vai nenhuma espécie de conservadorismo, pois estamos falando de todas as formas de família que possam haver, que começam naquilo conhecido como “família tradicional”, ou seja, com pais de diferentes gêneros, e termina no conceito de “família moderna”, isto é, com pais de mesmo gênero.

O que importa, não é por quais gêneros é composta a família, mas sim pelo papel que vai exercer na função dos futuros indivíduos que formarão nossa sociedade. Também é importante deixar claro que essas famílias não podem e não devem continuar transferindo para a escola uma função que é sua, que se não é exclusiva, é fundamental para que a outra instituição envolvida nesse processo (a escola) possa ter um papel mais direcionado no sentido de gerar uma sociedade mais justa.

Ao assumirmos nossos papéis, enquanto família e escola, produziremos um mundo mais justo, e não somente isso, teremos também a certeza de que cada um de nós contribuiu de maneira equivalente para que isso pudesse ocorrer, o que com certeza seria muito mais fácil e benéfico.

Esperamos, sinceramente, ter contribuído para a criação de uma perspectiva melhor em termos de formação dos indivíduos e que essa porta que agora se abre, nos leve a vários caminhos, onde o final seja o surgimento de uma sociedade mais justa e sem desigualdade social.

Muitos poderiam dizer que estamos sendo pretensiosos ou utópicos, pois a partir de um “simples trabalho de conclusão de curso” como iríamos conseguir acabar com todos os problemas da Humanidade? A resposta para esses incrédulos está no fato de que se fizermos a nossa parte, cada um dentro de seu papel, o resultado será, inevitavelmente, aquele em que um dia todos sonhamos e ainda podemos sonhar. “Sonhar não custa nada!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho tive muitas lições, principalmente acerca de como os professores entrevistados, que por sinal possuem larga experiência no magistério, tem visões muito parecidas sobre disciplina, indisciplina e comportamento dos alunos em sala de aula e suas causas. Acredito que através desse contato aprendi como lidar em situações que, para mim, seriam de grande problema, principalmente no que se refere às formas como encarar determinadas situações que envolvam a indisciplina e o que classificamos como “comportamento inadequado dos alunos”.

Aprendi também a ter uma visão muito mais ampla das relações entre escola/professores/alunos e família, onde a interação entre as partes envolvidas é fundamental para que os problemas surgidos venham a ser sanados de forma mais rápida e eficaz, evitando transtornos e constrangimentos para todos.

Essa interação faz parte do que ouvi do professor Jeferson Fernandes Rodrigues, um dos entrevistados, como fator de união e apaziguamento no processo de ensino-aprendizagem e não pode, sob hipótese alguma, ser deixado em segundo plano, sob pena de se sobrecarregar um, que no caso seria a escola, e desonerar o outro, a família. Todos estão envolvidos no processo cuja meta principal é a transformação dos alunos e alunas.

Também aprendi que as pessoas envolvidas nesse processo devem sempre estar atentas para todo e qualquer problema que possa surgir, a partir daqueles entendidos como “sem importância”, que se não tratados de forma devida poderão se tornar irremediáveis. Por mais óbvio que isso possa parecer, a maneira como abordamos determinados assuntos em sala de aula irão refletir em casa e vice-versa e essa situação, muitas das vezes, é motivo de conflito em um dos dois ambientes ou nos dois ao mesmo tempo. Como exemplo, cito o caso do aluno Eduardo e seu comportamento em casa que acabou por refletir na escola e a solução encontrada foi através do diálogo e do entendimento entre a família e a escola.

Vi também que os professores insistiram na questão de diferenciar educar de ensinar, como forma de separar os dois mundos, o da escola e o da família, apesar de sempre buscarem uma união entre ambos, mas com o diferencial de cada um no seu lugar para que não ocorra a sobrecarga de trabalho para um e a desobrigação do outro. Ou ainda, para que a escola não acabe se tornando a família e a família seja apenas uma espécie de observador do filho ou da filha.

Entendi também que as pessoas devem sempre ouvir a voz da experiência em todos os assuntos, principalmente os que envolvam comportamento humano em sala de aula, pois a

origem desses comportamentos pode ser a mais diversa possível e nunca há uma só explicação. É preciso ver tudo e sempre por uma ótica macro e levantar inimagináveis possibilidades para ver se consigo entender o que está ocorrendo e a partir daí, buscar soluções que possam, também, tentar resolver tal situação. Faço questão de usar o verbo “tentar” como forma de demonstrar que, mesmo usando da experiência de todos, do diálogo, do entendimento, o processo de resolução será apenas uma tentativa, pois sempre poderá haver uma vertente nova, uma posição diferente daquela que eu, na condição de mediadora, posso ter.

Sobre as dificuldades que tive na realização desse trabalho, sem sombra de dúvidas, o tempo foi a maior de todas elas, principalmente em relação às entrevistas, pois todos trabalhamos e sempre era muito difícil marcar horários e dias em que todos pudessemos estar juntos. Efetivamente, isso só ocorreu em quatro oportunidades e foram num final de semana e em dias da semana em que a sorte me ajudou muito.

Outra dificuldade encontrada foi conseguir um lugar que pudesse ser bom para todos os entrevistados. Concluimos que o melhor seria na casa da professora Edna, que reside no Catete e por duas professoras trabalharem próximo ao local – no caso as professoras Tânia e Grace – e por ela ser cunhada e irmã do professor Jeferson e da professora Andréa, respectivamente. No final de semana que nos encontramos a nossa mesa redonda foi na casa do professor Jeferson e da professora Andréa, em São João de Meriti, onde o espaço é maior e eles possuem dois filhos de 07 e 09 anos de idade (Júlio e João Pedro), que acabaram por contribuir com um pouco de distração ao ambiente, que para mim serviu como espécie de local onde nunca ouvi tanta coisa acerca de sala de aula, de administração escolar, de didática, de psicologia, enfim de muita coisa sobre Educação.

Também como dificuldade posso dizer que foi minha capacidade de ter que escrever tudo o que era dito por eles, pois preferi fazer isso ao invés de gravar e posteriormente digitar. Penso que isso torna o trabalho mais conciso e dá um caráter mais real, pois o ambiente vivido e escrito ao mesmo tempo, mantém a atmosfera de realidade daquele momento. Vejo a gravação e sua posterior transcrição como uma forma de se retirar tudo o que vivi nesse período de vinte dias com todos eles, pois minhas anotações possuem de tudo, que vão de escritos a desenhos feitos pelos meninos do Jeferson e da Andréa. Fiz questão de manter isso como uma recordação que levarei para o resto de minha vida e como uma oportunidade que poucos terão, pois, apesar da amizade que temos, nunca havíamos conseguido nos reunir juntos e tampouco sabíamos que tínhamos tantas coisas em comum e tantas amarguras e

experiências a serem compartilhadas. Realmente posso dizer que essa foi uma das maiores experiências de minha vida acadêmica e profissional.

Posso dizer que a partir desse trabalho e do contato que mantive com todos os professores entrevistados e a forma como os assuntos foram abordados, minha visão acerca de disciplina, indisciplina, comportamento inadequado e o que gera esse comportamento inadequado, estará sempre ligada à forma de abordar todos esses assuntos, e os demais que surgirem, pelo diálogo e compreensão do todo que envolve cada situação de meu cotidiano enquanto professora. Jamais tomarei uma atitude intempestiva ou impensada, agindo de maneira autoritária ou sozinha, pois aprendi que a soma das experiências em cada assunto é fundamental para a resolução de cada problema. Cada professor ou professora já viveu determinada situação que um dia irá se repetir e agiu de certa maneira que obteve sucesso ou fracasso. E através dessa experiência adquirida ao longo dos anos por todos eles e por todas elas é que vou me ancorar e tomar minhas decisões para evitar erros e injustiças.

Espero por em prática o muito que aprendi na realização desse trabalho e sei que oportunidades não faltarão, pois estamos lidando com seres humanos e instituições cujas bases são o educar e o ensinar – escola e família, respectivamente – onde cada um tem seu papel específico e que não pode haver o excesso de um e nada do outro. Ambas devem trabalhar em consenso e entender que o sucesso de seus filhos e filhas, alunos e alunas irá depender fundamentalmente disso.

Não há como separar os dois mundos, mas também não há como mantê-los unidos sem a compreensão e a dedicação, por igual dos dois. Apesar de vivermos num mundo onde se prima pela individualidade, pelo egoísmo, enfim por uma modernidade onde o “eu” assume uma importância muito maior sobre o “nós”, acredito que a maneira de melhorar nossas relações e diminuir nossas inquietudes é sem sombra de dúvida uma interação cada vez maior entre a escola e a família. O estreitamento do laço irá tornar nossa tarefa muito menos pesada e, portanto, muito mais agradável.

Sinceramente espero que esse seja um trabalho para que todos aqueles que o leiam possa ver nele tudo isso que aprendi. Sei que isso é apenas a ponta de um grande iceberg chamado Educação e que muitas ideias para solucionar os diversos problemas que nos afligem enquanto educadores surgem todos os dias. Mas esse não é uma ideia nova, ela é apenas a constatação pura e simples de que o professor e a professora são as pessoas capazes de entender que um mundo melhor começa a partir da escola e da família, que devem sempre trabalhar juntos. Que os problemas existem e sempre existirão, afinal de contas somos seres

humanos, movidos por paixões, ódio, amores, alegrias, tristezas, enfim sentimentos múltiplos e quase infindáveis. Mas, ao mesmo tempo, somos também professor, professora, pai, mãe, aluno, aluna, filho, filha, diretor, diretora, avó, avô, servente, faxineiro, faxineira, cozinheiro, cozinheira, etc., isto é, somos nós que compomos simultaneamente o universo em que vivemos, seja ele a escola, seja ela a família.

Portanto, não há motivo para separar, já que fazemos parte do mesmo mundo. E por estarmos no “mesmo barco”, é que devemos sempre estar atentos para que as soluções encontradas e antes buscadas possam ser sempre, as melhores para todos. E é exatamente isso que espero levar para minha vida enquanto professora.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, I. A Didáctica curricular: fantasmas, sonhos, realidades, in I. Martins et al (eds), *Actas do 2º. Encontro Nacional de Didácticas e Metodologias de Ensino*. Aveiro. Universidade de Aveiro, 1991.
- ARANHA, Lúcia. *Pedagogia Histórico-Crítica: o otimismo dialético em educação*. São Paulo: EDUC: Editora da PUC-SP, 2007.
- Brasil. Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
<http://www6.senado.gov.br/mate-pdf/11979.pdf>
- HOEBEL, E. Adamson. *Antropologia cultural e social*. Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa, A.(coord.). *Os professores e a sua formação*, pp.15-34. Lisboa. IIE-D.Quixote, 1992.
- REGGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- TAVARES, J. (org.), Formação Contínua de Professores. Realidades e Perspectivas. *Actas do 1º Congresso Nacional de Formação Contínua*. Aveiro. Universidade de Aveiro, 1996.